

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**IMERSÃO DE UMA TÉCNICA DE ENFERMAGEM
NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO ENFERMEIRA:
a experiência do mimetismo à eclise humana**

ALINE GRAZIELA SZCZESNY MANCILHA

Porto Alegre

2020

ALINE GRAZIELA SZCZESNY MANCILHA

**IMERSÃO DE UMA TÉCNICA DE ENFERMAGEM
NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO ENFERMEIRA:
a experiência do mimetismo à ecdise humana**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Escola de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Rio Grande do Sul - UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Dilmar Xavier da Paixão

Porto Alegre

2020

Ir vivendo o que for sendo
Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Inspiradamente dedico este meu trabalho aos meus pais, por transmitirem a mim e meus irmãos o amor que puderam, o incentivo à continuidade na educação que não tiveram e por plantarem em nós a semente da inquietação de querer ser sempre mais. Ao gosto pela poesia e pelo otimismo em gotas, que não cessa, porém permanece constante.

Agradeço à minha irmã Fabiana que nos mostrou que estudarmos na UFRGS não só era possível, como real. Ver-te estudando horas a fio e sempre tão cheia de saberes, foi um mote e continua sendo um modelo importante.

À irmã companheira de vida e de estrada, Fernanda, que junto comigo ingressou nesse mundo e que carrega no genótipo e fenótipo exatidão e semelhança. O meu agradecimento se estenderá a outras vidas, quiçá elas existam.

À minha mãe, Gláucia, que não parou nos estudos e sempre foi o meu apoio. Obrigada por ser minha mãe e por me ensinar a ser uma pessoa melhor. Obrigada por ser minha mãe e por me ensinar a ser uma pessoa melhor.
Ao meu companheiro de vida Juliano. Pela paciência e pelo amor a mim ofertado. Por ser meu maior apoiador e incentivador e por me dar calma quando tudo era tormenta. Muito obrigada.

À amiga, companheira e parceira de graduação Ester, pelo auxílio, compreensão, carinho e maturidade. Agradeço aos colos, aos conselhos, às indiadas, aos grupos de estudos e aos avisos em tempo das atividades que só uma virginiana poderia fazer.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo ensino de qualidade e à comunidade acadêmica da Escola de Enfermagem por me abrigarem durante a caminhada na minha formação.

Agradeço ao professor orientador, Prof. Dr. Dilmar Xavier da Paixão. Há nomes que condicionam destinos e assim, não diferentemente, o seu carrega a paixão. Paixão em lecionar e paixão em incentivar a sermos nós mesmos. Obrigada pela oportunidade, pela dedicação e por me ofertar o contato com a obra e os ensinamentos de Freire.

Muito obrigada a todos.

RESUMO

Este estudo objetiva refletir/problematizando a graduação em enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS sob a ótica da autora com formação e vivência prática de profissional em saúde, de nível médio, como técnica de enfermagem há quase duas décadas ininterruptas. Pondera a autoconstrução e a formação do profissional enfermeiro nesta universidade, balizada pelas diretrizes curriculares nacionais para os cursos universitários da área de saúde e possui plano pedagógico próprio; não político. Este trabalho acontece por meio do relato de experiência, método qualitativo e de caráter descritivo e analítico. Acompanha a transformação da discente, durante a graduação em enfermagem, no que denomina do estado mimético no curso à ecdisse humana. Aponta a metamorfose de si, daquela que se mesclava aos outros colegas não possuidores da experiência prévia comparável à sua. Dessa forma, há a observação e narrativa do processo formativo vigente com o intuito de colaborar com a comunidade acadêmica em sua práxis e diálogo com profissionais em realidade formativa semelhante. As inúmeras atividades acadêmicas, a fragmentação conteudista do ensino, a educação bancária, a homogeneização do saber de seus educandos e o distanciamento da realidade sociopolítica dificulta a autonomia, o ato reflexivo e a criticidade de seus egressos. Habilidades que são exigidas pelos formandos egressos da graduação em enfermagem nas DCN. Assumir a postura rebelde dentro de um sistema vigente moveria as estruturas enrijecidas de ensino e obrigaria a reordenação dessas. A rebeldia é necessária, porém não deve ser ingênua.

Descritores: Formação profissional. Educação superior. Enfermagem. Técnicos de Enfermagem.

SUMÁRIO

1 O CICLO EVOLUTIVO DE MIM	7
2 OBJETIVO	11
3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA	12
4 DO ESTADO MIMÉTICO À ECDISE HUMANA	13
4.1 Cada um carrega o dom de ser capaz	13
4.2 O ensino “superior” em enfermagem	19
4.3 Projeto Político (a-político)	21
5 REFERÊNCIAS	25
6 ARTIGO ORIGINAL	30
7 ANEXOS	52
7.1 Normas Editoriais da Revista do Recôncavo Baiano	32

1 O CICLO EVOLUTIVO DE MIM

Proveniente de uma família de cinco filhos, em que o pai trabalhava no setor metalúrgico e a mãe realizava artesanatos para complementação de renda, um dos fatores mais decisivos para a opção pelo curso técnico de enfermagem, em detrimento de uma graduação imediata, ocorreu pela busca da independência financeira e mais rapidamente a colocação no mercado de trabalho. O interesse pelo curso de graduação, porém, permaneceu consciente e em modo de espera.

Com a aprovação e nomeação no processo seletivo público em um estabelecimento de saúde da esfera federal da capital do Estado do Rio Grande do Sul, a autora deste trabalho labora como técnica em enfermagem há quase uma década e meia. Suas atividades profissionais iniciaram no ano de 2006 como integrante da equipe de enfermagem do setor de emergência hospitalar e, a maior parte da prática assistencial, foi desenvolvida na unidade de terapia intensiva para adultos.

Desde o início, percebi que éramos numerosos quantitativamente, tanto os técnicos quanto os profissionais da área específica e que a enfermagem é parte importante da engrenagem do cuidado integral em saúde, em todos os níveis de atenção.

As equipes de enfermagem são compostas de técnicos, de auxiliares de enfermagem e de enfermeiros. No Rio Grande do Sul, o número total de inscrições ativas, segundo o Conselho Federal de Enfermagem-COFEN, é de 11.545 auxiliares de enfermagem; 89.565 técnicos de enfermagem e 26.426 enfermeiros. Já o número desses trabalhadores ultrapassa o índice de um milhão no âmbito nacional (MONTEIRO et al., 2014; COFEN, 2019).

E, agora colocada profissionalmente e independizada como no projeto inicial particular, vislumbrei a possibilidade de dar continuidade nos sonhos que havia ficado em modo de espera. Feliz e orgulhosa alcancei a aprovação no concorrido vestibular de 2014 e ingressei no ensino superior como desejava. A Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, a primeira das faculdades formadoras dessa profissão no Rio Grande do Sul, passou a ser parte integrante dos meus dias até o final da graduação.

Diferente da maioria dos colegas, ingressei no curso com trinta anos de idade e carregando uma bagagem de experiência profissional, porém tentando o equilíbrio entre disciplinas, que se estendiam o dia inteiro muitas vezes, com os resquícios e desgastes físico-emocionais de uma situação pós-plantão de doze horas à noite. Embora existam grandes lacunas sobre estudos referentes a essa realidade quase sub-humana, este trabalho nasce com muitas dessas inquietações, contudo é oferecido para contribuir com a melhor formação qualitativa e com o processo de ensino-aprendizagem dos cursos de graduação em enfermagem mais evoluído.

Durante uma parte significativa das aulas e, posteriormente, nos estágios, algumas disciplinas eram somente repetitivas e pareciam ecos das práticas cotidianas familiares ao meu ambiente de trabalho. Essa realidade, todavia, nunca foi considerada no âmbito da universidade. Pelo contrário. Via-me realizando-as mesmo nas disciplinas iniciais, mergulhada entre os colegas, embora fossem tarefas do meu exercício diário. Aprendi com isso e fui orientada por colegas em idênticas condições de que a única possibilidade existente para atenuar o sofrimento por esse desperdício era mesclar-me junto aos colegas que não possuíam tal conhecimento e nada reivindicar com a professora. Eis o mimetismo.

Acredito que a imersão de uma técnica de enfermagem experiente nas aulas e estágios da formação universitária para se tornar enfermeira pode ter outros formatos e potencialidades. Se o mimetismo consiste em uma simulação dos seres animais com o ambiente e é utilizado, por vezes, como ferramenta de camuflagem no ambiente, descrevo-o como analogia aos técnicos de enfermagem cursantes do ensino de graduação em enfermagem (MATA, 2015).

Atenta, muitas vezes o utilizei, misturando-me aos demais alunos, permanecendo imóvel ou suprimindo os conhecimentos que adquiri no tempo de experiência profissional de trabalhador com formação no nível médio. Foi preciso, não por um auto desacreditar, mas, sim, ao ser desencorajada de que o meu “conhecimento era rasteiro”, assim como o andar reptiliano.

Entretanto, no decorrer das disciplinas e do curso, como ser mimético que insistia em permanecer imitativo ao meio, fui desgastando-me na minha capacidade adaptativa. Cresceram aflições e ansiedades e, sendo maiores, fui,

aos poucos, deixando que as minhas cores se diferenciasssem do ambiente local, realizando assim, uma eclise humana.

A eclise no mundo animal é a troca da pele para o surgimento de um novo ser, pois o seu envoltório não comporta mais o ser que ali habitava. Então, nessa metamorfose de mim, o ser que vislumbrava à invisibilidade trocou a pele para uma nova forma surgir (SOUSA et al, 2000)

A rebeldia e a indignação dominaram-me e, insistindo assim, mudei-me aparente. Todavia, ficando mais visível, tornei-me alvo para incômodos também. E eu tinha sido avisada por colegas veteranos do curso. E, nesse processo, fui percebendo que a minha trajetória cumulativa de conhecimentos fora benéfica para a minha formação como enfermeira, agregando ganhos que, provavelmente, colegas meus não os possuísem.

O conhecimento é de todos, os espaços de modo idêntico. O lugar passivo de obtenção do conhecimento ocasiona uma plataforma confortável para os que não questionam. É desnecessária, a reflexão. Embora seja importante essa transmissão de conteúdo, não deve ocorrer de forma vertical, posto que é uma construção conjunta e que, por isso, deveria ser horizontalizada.

A realidade acadêmica tem comprovado que, não são raras as vezes nas quais seguimos reproduzindo o formato tecido na Revolução Industrial, com a dureza nas relações que são verticalizadas e a disposição seus sujeitos acomodados em uma situação passiva. Embora os séculos avancem, o modelo bancário permanece enraizado e profundamente costurado na estrutura educacional da atualidade. Paulo Freire comenta que a prática de educação bancária ensina para a domesticação submissa, ela adormece a vontade do saber, incapacita na capacidade inventiva e impede os indivíduos do seu potencial de refletir sobre as questões (SARTORI, 2017),

O fato é que as tentativas são para que se siga robotizado e com foco nos ambientes confinados da sala de aula. São passos calculados, conceitos pré-estabelecidos, ranqueamentos entre os alunos que ocasionam a concorrência ferrenha entre os “iguais” por vagas nas disciplinas e em campos de estágio. Praticamente, não se exploram possibilidades nos intra e extramuros da universidade e nem se deixa a veia criativa emergir, porque estamos reprimidos pelas duras regras universitárias.

Foi assim que, durante quatro anos da minha vida acadêmica no Curso de Enfermagem, circulando pelos campi da Universidade e transitando entre os seus espaços, noutros momentos atravessando as suas diferentes nuances (de um campus em uma zona rural a outros em zona urbana, por exemplo) e na avalanche dos afazeres acadêmicos estive cega do que me diziam as suas paredes, sobre os parâmetros esperados para a minha formação profissional, a que eu vim buscar na universidade.

As paredes falam. Contam a história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de seus agentes transformados e transformadores... Elas informam, elas convidam, elas clamam e elas orientam a caminhada. E foi nesse andar automatizado com os sentidos ofuscados para as vozes oriundas dessas divisórias maciças e cimentadas, que, por vezes, cruzei - pouco mais veloz - para as salas de aulas e os laboratórios do meu estudo como acadêmica de enfermagem, futura enfermeira. Porém, chegou o tempo de elaborar a minuta, em seguida o projeto, e, este trabalho de conclusão de curso.

Para discutir o provável tema de estudo que eu abordaria neste meu trabalho de conclusão do curso, eu fui provocada pelo meu Professor Orientador a perceber algumas dessas mensagens que essas paredes proferem. Assim sendo, deparei-me com algo que eu nunca havia percebido: que, ao final da rampa de acesso ao segundo piso do prédio da Escola, há quadros grandes afixados na parede e, neles, estão as Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam a formação no Curso de Graduação em Enfermagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais fundamentam e guiam o ensino dos cursos de graduação em enfermagem e estão regulamentadas pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001). Elas orientam como deve ocorrer a formação do enfermeiro, capacitado em sua autonomia e habilidades para atender às características exigidas nos cenários distintos existentes nas muitas regionalidades e disparidades do país.

O desconhecimento dessas orientações, que me acompanhava até então, imagino que acomete maior parte dos colegas estudantes do curso, uma lacuna importante a ser suprida, inclusive, pela partilha de saberes e pela contextualização da ciência e da futura vida profissional. Basta comentar com

colegas e até mesmo docentes para surpreendê-los, como aconteceu comigo. Por quê?

Este estudo avança, objetivamente, nesta pretensão de relatar/discutindo e compreender/aprendendo a formação da graduanda em enfermagem, quando possui experiência prática profissional formada e atuando na categoria de técnica de enfermagem. Ressalto que se faz necessário identificar e respeitar as condições exigidas para o exercício profissional legalizado, no caso, o devido registro no Conselho Regional de Enfermagem-COREN.

A minha vivência nesse contexto me conduz a uma pergunta muito presente ao longo dessa formação universitária: - como diferenciar na formação de enfermeira, a aluna com experiência profissional prévia como técnica de enfermagem diante de colegas sem essa prática? Se os riscos “disciplinares” não fossem de tão grandes proporções, uma questão adjacente poderia ser formulada a algumas professoras; - a realidade da experiência profissional na área nada acrescenta ante colegas sem essa prática?

A lacuna a ser respondida por este trabalho dialoga com o fenômeno do mimetismo à ecdise humana, que me provocou a um posicionamento reflexivo diante do espelho da minha formação como enfermeira, pode ajudar a colegas que sejam técnicas e técnicos de enfermagem ingressantes no curso de graduação. Como ação colaborativa podem emergir subsídios, outras questões dialógicas e problematizadoras em benefício do ensino universitário, da formação profissional de enfermeiro e enfermeira e da própria sociedade.

A experiência relatada neste trabalho tem o pulsar desse sonho, pois, se a formatura não é o ponto final dos aprendizados diante de novos estudos complementares e saberes, é o reafirmar da escolha pela área da enfermagem na concepção da ciência e da arte de cuidar humanizadamente das pessoas.

2 OBJETIVO

Este estudo, a partir da realidade de uma universidade pública federal, tem objetivo de relatar a experiência de uma técnica de enfermagem na formação universitária como enfermeira. Para relatar/discutindo a compreender/aprendendo escolho propor a discussão sobre o aproveitamento da experiência acumulada na formação da graduanda em enfermagem, com vivência prática profissional comprovada e ininterrupta na categoria de técnica de enfermagem. Por isso, trato de apresentar o relato visualizando o processamento pessoal do mimetismo à ecdise humana.

3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de um relato de experiência construído a partir das vivências observadas e protagonizadas pela autora durante a realização do curso de graduação em enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Apresenta-se como um olhar qualitativo que versa sobre a problemática desenhada por meio de metodologia de natureza aplicada e descritiva. O relato de experiência pondera as práticas e o conjunto de condutas que interpelam situações verificadas pela graduanda (CAVALCANTE, LIMA; 2012).

Este trabalho está apoiado na literatura e bases científicas para a descrição dos dados com construção das discussões e análises por notas de campo durante as participações nas disciplinas obrigatórias, estágios curriculares e práticas disciplinares. Polit e Hungler (2004) reconhecem as notas de campo como instrumento de anotações e incluem a dimensão interpretativa delas, apreciando que, durante a observação de um fato, podem ser registradas análises sobre o acontecimento. A construção do modelo de análise dos dados e fatos nas notas de campo professa o conjunto analítico ou análise temática segundo Minayo (2012), com a perspectiva fundante do projeto pedagógico do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS e das diretrizes curriculares nacionais para a formação em enfermagem.

A formação como bacharel em enfermagem está considerada a partir do ingresso no curso, em agosto de 2015, até a sua conclusão prevista para o segundo semestre de 2020. A graduação em enfermagem na UFRGS é curso diurno e presencial, tem duração de dez semestres e a sua grade curricular prevê 209 créditos obrigatórios e 4.031 horas de duração com a exigência de, ao menos, seis créditos complementares (UFRGS, 2020).

4 DO ESTADO MIMÉTICO À ECDISE HUMANA

A evolução humana deu-se cognitivo, social e fisicamente. Fomos com o passar de eras adquirindo capacidades e destituindo outras habilidades desnecessárias. Assim como o mimetismo, uma ferramenta adaptativa que fornece aos animais e plantas a possibilidade de camuflagem ao meio, pois dessa forma, tornam-se invisíveis a possíveis alvos (TEIXEIRA, 2012).

Porém, a mimetização dos seres tem um efeito dual, os seres humanos desde as idades primeiras realizam assim de modo semelhante à mimese como uma habilidade para aprendizagem cultural e social. A própria aprendizagem da linguagem pode ter origem na mimese. Enquanto é a forma de transmissão do saber coletivo, também nela, estão tecidas as hierarquias e ordenação social e os seres diluem-se no ambiente, tornando-se sem originalidade e dissociam-se de si mesmos (MATA, 2015).

Ao estarem dissolvidos na sociedade, os indivíduos desconhecem a sua unicidade e particularidades, não conhecem mais os seus desejos e sim almejam o que lhe é dito ou anunciado agindo como camaleões da modernidade. Mas para que aconteça a mudança deste comportamento que reproduz indivíduos massificados em suas aspirações e em sua individualidade é necessária que a consciência se faça presente (KRONBAUER, 2017).

E não a consciência transitiva ingênua que consegue notar os paradoxos sociais, porém permanece na passividade. Essa consciência continua imóvel frente à realização da mudança devido a sua inabilidade do raciocínio emancipado e delega, por menosprezar a si mesma, a outrem a resolução das situações e adversidades (KRONBAUER, 2017).

Ela não consegue ser crítica, interpreta de forma simplista os problemas e é saudosista. Deixa-se conduzir à massificação e ao gregarismo com impedimentos ao diálogo racional. Mas o seu desenvolvimento a uma consciência crítica só acontece por meio do exercício da transformação da sociedade, da cultura, da educação crítica e democrática em que se permite a aptidão ao pensamento e decisão (KRONBAUER, 2017).

O progresso da consciência transitiva ingênua à consciência crítica fornece ao indivíduo maior autonomia e dialogicidade. Parte do pensamento raso e unilateral para mergulhar na profundidade da compreensão. Conforme Fiori (1992, p.68), acontece simultaneamente a modificação do mundo e a transformação da consciência; elas não seriam possíveis como eventos sucessivos (KRONBAUER, 2017).

O processo de perceber-se como sujeito e como ser no mundo acontece gradativamente, a partir de práticas educativas libertadoras, que permitem a vazão do indivíduo em sua aptidão em agir e refletir em si, para si e conseqüentemente para o meio. E a conscientização em processo permite o fenômeno da ecdise humana (KRONBAUER, 2017).

Ecdise é o processo utilizado por alguns animais em que ocorre a muda, a troca de seu envoltório devido ao seu crescimento. E ocorre em vários estágios da sua vida. De forma semelhante, nós humanos a realizamos, mas a partir da expansão da consciência. Com a sua expansão não há mais espaço para o ser anterior que o habitava, nem do retorno ao ponto evolutivo inicial (SOUSA et al, 2000).

Somos seres mutantes e em frequente construção. O que nos permite ultrapassar o determinismo estipulado. A perspectiva da transcendência é o que nos diferencia das espécies animais que já nascem calcados em sua vida e com reações instintivas. E a ecdise humana acontece a cada um em diferentes momentos e a outros pode permanecer latente durante toda uma existência (BOUFLEUER, 2017).

Somente a realizamos quando nos percebemos como indivíduos com potencial para uma existência mais inteira, perseguindo a sua disposição para ser mais. A mim, a ecdise e a percepção da minha consciência aconteceram durante o decorrer da graduação em enfermagem. Fui com o passar dos semestres realizando a consciência de mim e de minha importância nas práticas e disciplinas por carregar conjuntamente com minha história a vivência no ambiente hospitalar com o cuidado humano e de enfermagem.

4.1 Cada ser carrega em si o dom de ser capaz

O substantivo feminino “imersão”, no sentido como está dicionarizado, é o ato ou a consequência de submergir, a ação ou a decorrência do curso de imergir em um fluido. Estar imerso em algo nos faz vivenciar as situações como sendo partes de nós, pois, não ocorrendo a dissociação das partes, tem-se um todo (FERREIRA, 2006; GUARESCHI, 2017).

Este ‘estado imerso’, como é concebido nos ensinamentos freirianos, define o primeiro nível de consciência. Devido ao fato de estar inserido totalmente pela realidade, pode-se não conseguir fazer reflexões mais profundas. Então, para a efetivação do ato reflexivo, é necessário, que se faça o afastamento da realidade, num movimento de emersão. Após essa ação de distanciamento, o indivíduo faz a inserção e a transforma por meio da sua prática (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007).

Aprendi, com a canção de Almir Sater, que “cada ser em si carrega o dom de ser capaz” e, com Freire, que cada indivíduo tem a vocação para ser mais. E esse talento em ser mais é imanente e vital da natureza humana, não deve ser definida por edificações ou concepções inatas, que causam a desumanização e enfraquecem a potencialidade de elevar-se em si (ZITKOSKI, 2017).

A incompletude do indivíduo é o que o leva em busca de algo mais, a procura por ser mais. A partir da obtenção do conhecimento, da aprendizagem e do ato de se fazer, ele transforma o panorama natural e reinventa as maneiras de existir e de se relacionar consigo e com outrem. O inacabamento do ser o leva em direção dos sonhos, das realizações e o leva a um constante processo de tornar-se. Os sonhos são permitidos a todos, embora ainda alguns não os tornaram acessíveis à consciência. O ato onírico é um ato político (ZITKOSKI, 2017).

O tamanho de nossos sonhos equivale-se à dimensão de nosso conhecimento. Por isso, quanto maior sua habilidade em estar aberto ao saber, maior será a amplitude do seu mundo e a sua aptidão para mudar a sua realidade. A possibilidade de cursar ensino superior não me foi ensinada ou sequer cogitada. Meus pais não possuem o ensino fundamental completo e fomos crescendo com a lógica do trabalho.

Somente por meio do ingresso de uma de minhas irmãs no ensino superior foi que essa palavra se tornou parte do nosso vocabulário. Embora a nossa realidade (assim como a de muitos) não permitia continuar estudando em tempo integral, tínhamos, ainda, a tarefa de realizar a independência financeira, principalmente para alívio da economia doméstica. Então, o ensino técnico profissionalizante foi a ferramenta para esse fim.

Os cursos profissionalizantes de nível técnico são recursos que contribuem com a evolução econômico-social do país, pois conferem alternativa para a inserção a curto prazo no mercado de trabalho em uma área que oferta consideráveis possibilidades. Importante destacar que as escolas profissionalizantes foram criadas em decorrência de uma demanda de mercado (MANZATO,2012).

Posteriormente ao processo de redemocratização do país e a definição de uma nova constituição, o ensino das escolas de enfermagem passou a ser regulamentado pelo Ministério da Educação e Saúde, que o dividiu em duas categorias: os auxiliares de enfermagem (posteriormente substituídos pelos técnicos) e enfermeiros. Essa divisão deu-se por meio da Lei n.º 775 de 1949, que estabeleceu as suas bases de ensino e aprendizagem (MACIOROSKI et al, 2015).

Com a expansão da classe assalariada nos anos de 1930 e 1940, surgiram reivindicações por condições sociais e uma melhor assistência em saúde. Dessa maneira, foi criado o sistema de previdência, destinado a assistir, de modo curativo, à população operária (MANZATO,2012).

Em consequência, para que houvesse uma solução que contemplasse o público demandante de atendimento e atendesse aos interesses capitalistas na área da saúde, um maior número de profissionais em enfermagem era necessário. E assim, foram criados cursos com foco do cuidado direto, tais quais os cursos de auxiliares de enfermagem (MANZATO,2012).

Anteriormente, havia profissionais de nível médio ocupando cargos destinados a enfermeiras, em boa parte das vezes, pela falta dessas profissionais nas instituições de saúde. A crescente inserção de enfermeiras no mercado trouxe a intensificação da divisão do trabalho: funções executoras, destinadas aos técnicos e as gerenciais, para quem possuía graduação em ensino superior (MENEGAZ et al., 2015).

A estratificação social do trabalho aconteceu em decorrência do meio de produção capitalista em que há a cisão e desprendimento do trabalhador dos modos de manufatura dos seus produtos. Dessa forma, ocorreu um desmembramento de uma atividade em inúmeras execuções limitadas necessitando de diferentes trabalhadores especialistas em cada ofício. E assim, houve a necessidade de um coordenador de operações e a formação da primeira forma de subordinação no trabalho (BUJDOSO et al. 2007).

Os gestores que adquirem o conhecimento tecnológico e científico e por isso são classificados como aptos e competentes, detém o poder de mando. Os indivíduos que acatam ordens e recebem a avaliação de incompetentes, assim o são definidos por realizarem as tarefas desconhecendo os motivos e objetivos da sua atuação. E essa filosofia da habilidade técnico-científica produziu a realidade existente nos processos de trabalho, na academia, em escolas, etc. (BUJDOSO et al. 2007).

A alienação pelo afastamento dos colaboradores na totalidade dos processos de trabalho acontece também na enfermagem e colabora para a preservação das relações hierárquicas nas profissões da saúde, o que demonstra um duelo que, por vezes, pode estar oculto ou revelado. Isso enfraquece a classe como um todo, pois impede a coordenação de seus agentes para a luta em pautas coletivas (DUTRA, 2016).

Desde os primórdios da sua criação, a enfermagem esteve intimamente ligada às ações religiosas, de caridade e tinha caráter assalariado. A grande presença feminina em sua quase totalidade e a divisão do trabalho manual do intelectual também corroboram em algum nível à sua desvalorização econômica e social (DUTRA, 2016). De que maneira podemos modificar esse panorama e reconstruir uma nova história a partir das vivências passadas?

Apesar de acompanhar avanços técnico científicos e realizar mudanças ao longo da sua jornada, a enfermagem ainda reproduz as idealizações da sociedade incutidas ao seu nome: de profissionais servis, com vocação nata, com postura submissa e com atitudes caridosas. Algumas situações ainda perduram, como as indiferenciações dos diferentes colaboradores dessa área tão ampla e que vem agregando mais profissionais à sua classe, como os cuidadores e, mais recentemente, os agentes comunitários de saúde (DUTRA, 2016).

Isso tudo compõe um cenário desafiador e estimulante para ser estudado, servindo como fatores para a realização do aprofundamento em torno deste tema a ser reconhecido como relevante.

4.2 O ensino “superior” em enfermagem

O ingresso na educação de nível superior torna-se para alguns a realização do sonho e a ampliação do seu universo. A perspectiva de uma graduação pode oferecer aos seus alunos, que possuem motivações distintas, um novo horizonte e a possibilidade de fazer-se em si e no mundo (NEVES, 2007).

Porém ao ingressar na universidade o profissional que possui experiência em saúde depara-se com uma realidade educacional voltada para o estudante que não possui obrigações laborais fora da universidade. Um currículo integral diurno que exige dedicação quase que exclusiva para a sua formação e que, embora possua ofertas extraclasse, não abraça os estudantes-trabalhadores da saúde.

As Diretrizes Curriculares Nacionais foram elaboradas por um processo conjunto, oriundo de debates, conferências e palestras por todo o país. Um dos seus objetivos é o de conceder às Instituições de Ensino Superior maior liberdade na confecção de seus currículos, que se ajustem às realidades sociais, conferindo à formação superior em enfermagem, o primeiro processo no seguimento da educação permanente (SANTANA et al., 2005).

A graduação em enfermagem, definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais homologadas em 2001, prevê o desenvolvimento de profissionais generalistas, formação humanista e crítico-reflexiva. Devem possuir a responsabilidade de assistir às exigências sociais em saúde e aos princípios do Sistema Único de Saúde, preparados para intercederem em situações de saúde e doença (BRASIL, 2001).

O profissional egresso do curso de enfermagem deverá possuir aptidões para perceber e interceder sobre as adversidades de saúde e doença no âmbito biopsicossocial, bem como, promover ações que incentivem o autocuidado em busca do bem-estar nas dimensões física e mental. Possuir,

na complexidade de sua práxis, habilidades que aliem à ciência a arte do cuidar (NUNES et al, 2011).

Embora as diretrizes tenham sido delineadas no século 21 e vislumbrem o ensino-aprendizagem de forma coparticipada e ativa, as relações e ações continuam cultivando atitudes que rememoram tempos antigos que incentivam à obediência, à submissão, aos jogos de poder e à produção de corpos domados (FERTIG, et. al, 2008).

O campo educacional atual possui desafios na formação dos profissionais, que se concentram na constituição de cidadãos capazes de colocarem em ação os ensinamentos aprendidos na sala de aula, que sejam capazes de se posicionarem no mundo e de entendê-lo em todas suas matizes, buscando soluções aos acontecimentos, de estarem aptos a fazer reflexões e a dar um novo significado ao conhecimento (THERRIEN et al., 2010).

O ensino cidadanista, um dos propósitos de Paulo Freire, é concebido como a tomada da realidade para atuar em seu âmbito, envolvendo-se de forma consciente e favorável à emancipação dos sujeitos. Uma relação coparticipada e mútua é uma premissa essencial para o desempenho da cidadania (BAQUERO, 2017).

Porém, como formar esses cidadãos reflexivos e diferenciados se os cursos ainda reproduzem em suas grades curriculares o conhecimento fragmentado e conteudista? Como admitir a exposição dos assuntos de forma passivo-expositiva, sem abertura para a interdisciplinaridade, com professores atuantes unicamente na docência e que estão distanciados da assistência e da realidade social em saúde e da realidade social de seus discentes (THERRIEN et al., 2010).

O sociólogo Boaventura Sousa Santos (2015) expõe que esse modelo científico moderno atuante, ao categorizar e igualar os saberes, desmerece as diversidades, as vivências e as culturas. O modelo vigente torna a aquisição do conhecimento insípida, inodora e incolor. Embora possua as características pertinentes à água, ele se distancia da sua principal característica: ser maleável e de se adequar às formas.

O novo padrão proposto por Boaventura Sousa Santos (2015), contrapõe-se a essa estrutura rígida e verticalizada. Ele nos convoca para que sejamos rebeldes e conclama à desobediência. O conhecimento científico não

deve ser regressista, ele deve libertar. Um docente alforriador edifica o seu ensinamento para a independência de seu discente, reconhecendo a sua identidade e seu acúmulo de vivências. Assim como Freire expõe (2000a, p.88):

Uma das questões centrais com que temos que lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente.

Essa insurgência é afogada a partir da subordinação de seus aprendizes pela educação bancária, o que torna as ações educativas e a aquisição do conhecimento pouco cativantes. Este sujeito fica inerte e passivo, não adentra, não desbrava e não se arrisca. É ensinado a ser um sujeito conformado e acrítico, insensibilizado na sua capacidade de criação (SARTORI, 2017).

Mas como adotar a postura rebelde, dentro do sistema vigente, em que os corpos são domados e confinados para um melhor controle disciplinar, como teorizado por Foucault? Adotar a postura revolucionária moveria as estruturas enrijecidas de ensino e obrigaria a reordenação dessas. A rebeldia é necessária embora, não deva ser ingênua (FERRARI; DINALI, 2012).

4.3 Projeto Pedagógico (a-Político)

A minha experiência, pelas assertivas anteriores neste texto, é a de que, mesmo que existisse o termo “político” em seu título, ainda assim, o projeto pedagógico no curso da instituição onde me graduo não teria características visíveis de ser um projeto político pedagógico. Raras exceções docentes, o incluíam em sua prática.

A definição de política tem origem grega no termo *politiké*, sendo “pólis” significando cidade e “tikos”, ao que é público. É o que se destina ao bem coletivo e à população. Já Freire nos diz que a nossa condição política habita no fato da inconclusão dos seres, pois por meio da consciência de sua incompletude arrisca-se no mais, difere-se do condicionado, entende a realidade, a reestrutura e humaniza-se (COSTA, 2017).

Essa transformação só se dá a partir da educação, pois ela carrega em si uma natureza política. A educação deve ser voltada para a formação de

atores com habilidade decisiva, comprometidos nos âmbitos da política e da sociedade e não voltada aos interesses autoritários e alienadores. Somos seres em constante interação com o mundo e com os demais e não, objetos inanimados recebedores da informação endurecida e pronta (COSTA, 2017).

A sociabilidade dos indivíduos os faz aprender a partir do contato com o mundo e com os sujeitos para a promoção de vivências reais. Estarmos apáticos e enjaulados recebendo uma enxurrada de conhecimentos, que são válidos, porém tornam-se pouco palpáveis e irreais, fazem o querer saber pouco vibrante. A comunidade acadêmica acaba por distanciar os discentes da realidade que o cerca e de seu papel transformador da realidade social e política (COSTA, 2017).

Os projetos políticos pedagógicos são instrumentos planejadores que devem ser utilizados para fomentar a autonomia na administração de seus cursos. A conquista dessa liberdade para se autogerir é erguida numa estrada de crença em si e em sua comunidade, porém a sua estrutura educativa corrente intrinca a gênese das circunstâncias necessárias para a sua verdadeira realização (MALHEIRO, 2005).

Ser autônomo é rejeitar as ações arbitrárias absolutas vigentes e promover a constituição de inovação no âmbito das relações coletivas. A autonomia antagoniza a standardização e acredita nas diferenças, pois só com elas há a possibilidade da inovação. Ela caminha contígua às trocas com os demais e com a sociedade em parceria e não distanciada dessa (COSTA, 2017).

O atual Projeto Pedagógico da Escola de Enfermagem da UFRGS teve a sua implantação iniciada no primeiro semestre em 2013. O projeto atendeu à deliberação CNE/CES Nº 3, de 07/11/2001 (BRASIL, 2001), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem em todo país. Essas Diretrizes supracitadas reforçam que os projetos pedagógicos reformem e produzam formas para o aprendizado e para o ensino (UFRGS, 2019).

No desenho de ensino de enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devem ser consideradas as diversidades que permeiam o cuidado, onde os alunos têm de ser incitados a raciocinar a respeito desse conhecimento ofertado e que devem relacioná-lo com a realidade local e

contextual do país (UFRGS, 2019). Porém, no tocante às ideias de Boaventura, Freire e correlacionando ao projeto político pedagógico do curso de enfermagem, há ainda um caminho a ser percorrido para que o projeto pedagógico coloque em real prática o seu delineamento.

Enquanto há o desenrolar das disciplinas e incessantes afazeres acadêmicos, há fora das salas de aula, um acontecer do mundo sociopolítico, que não pode ser desconsiderado. Não há como segregar o conhecimento, ele é construído com a cadência dos acontecimentos e não em uma redoma que isola os ruídos externos. A turma de enfermagem que ingressou em agosto de 2015 presenciou fatos durante a sua formação que trouxeram um olhar para a realidade fora das estruturas da universidade.

Participamos da ocupação da Universidade devido à contrariedade com a PEC 55 do governo Temer; acompanhamos e sofremos os impactos da greve dos caminhoneiros; vivenciamos de perto a extinção do Instituto Municipal da Estratégia de Saúde da Família-IMESF; as consequências funestas de uma saúde mercantilizada e, por fim, no último semestre da graduação, defrontamos com a paralisante pandemia mundial. Não há como estar indiferente aos acontecimentos que batem à porta da academia. Existem outros universos de saber que enriqueceriam humanamente os egressos do curso e futuros profissionais de enfermagem. Porém, o que dizer quando, ao primeiro impacto, ao invés do movimento, a Universidade opta por parar as suas atividades de ensino. Não haveria aprendizados?

Acrescento interrogativamente: - como estar atento aos episódios exteriores quando há um currículo disciplinar exigente de atenção integral que acaba por cegar os seus discentes? Em 2018, ocorreu a avaliação do currículo do curso de enfermagem que fora implantado no ano de 2013, após a extinção do currículo anterior. O procedimento ocorreu em quatro níveis e abrangeu do ano de 2018 a 2019. As várias etapas correspondentes à avaliação aconteceram sequencialmente, seguindo-se dos formandos, discentes, profissionais egressos e, por último, os docentes (UFRGS, 2018).

Dentre as várias colocações e sugestões colhidas, pincelo aqui algumas: a possibilidade de fixar os turnos dos semestres, pois a intercalação desses dificulta para os estudantes trabalhadores; a redução da carga horária de algumas disciplinas que são extenuantes; o redirecionamento de disciplinas

para foco na enfermagem; a substituição de disciplinas consideradas desnecessárias por outras que contemplem assuntos mais vivenciados na vida profissional; não apenas voltar o ensino para a formação de pesquisadores mas, também, voltados ao mercado de trabalho; estar mais próximos da realidade profissional desde o início do curso; além de serem conhecidas outras realidades hospitalares que não apenas a vivenciada no hospital conveniado à universidade (UFRGS, 2018).

Agrego às sugestões supracitadas, a necessidade de diferenciar o ingresso no curso de alunos já detentores de conhecimento prévio, pois poderiam fazer reaproveitamento de disciplinas e utilizar o tempo que estariam cursando as disciplinas ecoantes da sua prática em outras atividades de aprendizado. Uma dessas ações a serem exemplificadas é o caso de serem monitores auxiliares dos professores que, por vezes, estão distantes da atividade profissional ou que possam participar de projetos dentro da universidade, como as atividades de iniciação científica ou em outras experiências que os façam sentir valorizados no seu saber e estimulados em aprender. O que lamento e analiso como desperdício é a situação do aluno que, ao ingressar na universidade, tem formação profissional na enfermagem e se depara com uma realidade educacional voltada para o estudante que não possui vínculo de trabalho na área e sem experiência e obrigações laborais fora da universidade. Um currículo integral diurno que exige dedicação quase exclusiva para a sua formação e que, embora possua ofertas extraclasse, não abraça os interesses e peculiaridades dos estudantes que são trabalhadores da enfermagem e da saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul demonstra a qualidade do seu ensino, embora, ainda possua desafios a serem enfrentados e que seja vital a sua atualização pedagógica. Faz-se necessária a real implementação, no projeto pedagógico, do diálogo com-e-para os seus educandos e com-e-para a comunidade, e inserir a política como mecanismo social na nomeação e na prática formativa dos profissionais. Cumprir assim, a formação realista e em consonância com as transformações sociopolíticas presentes a todo instante em nosso coletivo.

O domínio da educação é múltiplo e o ato educativo, vai acontecendo; não é! Como prática, permanece em movimento, nunca estática, nunca concluída. Para realizar a formação são necessárias pessoas e, essas, são inacabadas em essência. Inconclusas, carregam em si experiências e saberes que não podem ser ignorados ou suprimidos em instante algum. Portanto, homogeneizá-las é desconsiderar as nuances múltiplas de egressos que são provenientes de diferentes realidades. Uniformizar o saber, torna a sua aquisição apática e anestesiada.

O saber engrandece. Ele modifica. Ele altera. Transmuta os seres e modifica o seu entorno. Acontece primeiramente, no interno pessoal e extravasa, cresce e expande alterando realidades. Desse o modo, eu o fiz, porque transformei o ser mimético e mim para dar espaço a uma educanda crítica e reflexiva. Assim, realizei a ecdise, que assumi constante desde então. Se não o fosse, seria, apenas, o conhecer envaidecido que restringe o saber a uma pequena parcela de ditos expertos, ou seja, inútil. O prazer das descobertas vem desde o primeiro despertar da vida, não pode ser suprimido pela educação dominadora e bancarizada.

A anedonia pelo conhecimento é tecida no modelo de educar que não pretende produzir indivíduos emancipados e críticos. Ela somente reproduz padrões construídos em tempos passados e que resistem em permanecer presos na teia educacional desde a escola primária até a academia. Sim, a academia, que não se diferencia tanto assim das práticas escolares. Promove uma torrente de tarefas universitárias, exaure os seus educandos em extenuantes aulas passivo-expositivas, promove uma corrida por primeiros

lugares em uma classificação que é utilizada para escolhas de campos e disciplinas e assim, os afoga em realidades distantes. Esses fatos - e outros - apareceram relatados na avaliação do currículo realizada em 2018 pela Comissão de Graduação do Curso de Enfermagem com o apoio do Núcleo Docente Estruturante.

E como ser crítico se as obrigações acadêmicas nos engolem sem a chance de deixar-nos respirar? As Diretrizes Curriculares Nacionais, que estão expostas na subida da rampa que dá acesso ao segundo piso do educandário acadêmico, são para orientar que sejam gestados profissionais com múltiplas habilidades. Uma dessas é considerar os saberes múltiplos, porém como fazê-lo, se as experiências na bagagem de seus discentes, por vezes, não são computadas no somatório do conhecimento?

O desconhecimento de legislação e resoluções que considerem o saber prévio de profissionais em saúde para aproveitamento em disciplinas e nas práticas, principalmente como técnicos de enfermagem, dificultam e, geralmente, desestimulam o permanecer na academia ou a reação não conformada. Se essa probabilidade é existente, não me foi possível encontrá-la no âmbito do curso, mesmo com os integrantes da Comissão de Graduação. Esta é uma lacuna importante a ser estudada, pois seria de extrema validade, uma forma de diferenciar os ingressantes que detém experiência comprovada na prática do cuidado assistencial previamente.

A presença de profissionais com de prática e vivência no âmbito hospitalar ou na atenção básica contribuiria para a aproximação da academia com a realidade profissional e de mercado de trabalho. Estimularia outros ingressos. O viés de estar mais voltada à pesquisa e de que alguns de seus docentes estão distantes da assistência ou nunca tiveram qualquer prática efetiva na profissão é problema nem sempre considerado na ambiência formadora de profissionais da enfermagem.

Neste trabalho, sugiro que essa busca continue para que próximos estudantes, que assim como eu são técnicos de enfermagem, e com experiência comprovada, possam aproveitar melhor a sua graduação, qualificando-se ainda mais, e serem contribuintes da própria produção do conhecimento para os seus colegas e docentes. Contribuir: esse é o papel do saber.

6 REFERÊNCIAS

- BAQUERO, Rute. **Educação de adultos**. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.136.
- BASTOS, Roberta Freire; GONÇALVEZ, Thalita Matias. **Contribuições de Boaventura Sousa Santos para a educação brasileira**. Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 21, n. 2, p. 26-38, jul./dez. 2015.
- BRASIL, **Resolução Conselho Nacional de Educação nº 3, de 7 de novembro de 2001**. Dispõe sobre o conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 nov. 2001.
- BOUFLEUER, José Pedro. **Cognoscente (Ato)**. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.75.
- BUJDOSO, Yasmin Lilla Verônica; TRAPÉ, Carla Andrea; PEREIRA, Érica Gomes; SOARES, Cássia Baldini. **A academia e a divisão social do trabalho na enfermagem no setor público: aprofundamento ou superação?** Ciênc. saúde coletiva vol.12 no.5 Rio de Janeiro Sept. /Oct. 2007.
- CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. **Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas**. J Nurs Health, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan/jul 2012.
- COFEN(BR). **Enfermagem em Números**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. [Acesso em 27 de junho de 2019].
- COSTA, Daianny. **Política**. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 321.
- DUTRA, Herica Silva. **Divisão Social do Trabalho e Enfermagem**. Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(11):4161-3, nov., 2016.
- FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. **Herança moderna disciplinar e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”**. Educação em Revista - Belo Horizonte, v.28, n.02, p.393-422, jun. 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Curitiba. Positivo, 2006.

FERTIG, Adriana; XAVIER, Ida Haunss de Freitas; SOUZA, Lucas Melo de. **Perfil de uma escola de enfermagem do sul do Brasil no período das fundadoras.** Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2008, mar; 29 (1): 98-108.

GUARESCHI, Pedrinho. **Imersão/Emersão.** In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.220.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. **Consciência (Intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica).** In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. P.86.

MANZATO, Carla Regina Ulian. **A trajetória da educação profissional do auxiliar e técnico de enfermagem.** Revista Uniara, v.15, n.2, dezembro de 2012.

MACIOROSKI, Cristine Goreti; JANISCH, Nádia Cristina; DELLANI, Marcos Paulo. **Ensino aprendizagem no curso técnico em enfermagem: evolução e desafios diários.** Revista de Educação Ideau. Vol. 10 - n 22 - jul/Dez 2015.

MATA, Larissa Costa. **Mimetismo e metamorfose.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 103-121, ago. 2015.

MENEGAZ, Joughanna do Carmo; KLOH, Daiana; MARTINI, Jussara Gue; REIBINITZ, Kenya Schmidt; BACKES, Vânia Marli Schubert; ZAMPROGNA, Katheri Maris. **Formação de nível médio em enfermagem: perspectivas na visão de estudantes de pós-graduação.** Rev Enfermagem UFSM 2015 jul/set.; 5(3): 396 - 405.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Ciênc. saúde coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012b, 2012.

MONTEIRO, Roibison P. et al. **O processo de transição profissional na perspectiva de técnicos de enfermagem que se tornaram enfermeiros.** Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 777-786, 2014.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. **Desafios do Ensino Superior.** Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 14-21.

NUNES, E. C. D. A. & et. Al. **O processo cognitivo-afetivo.** Revista Revise, vol. 2, p. 1-18. 2011.

OLIVEIRA, Paulo C. de; CARVALHO, Patrícia. **A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire.** Paidéia, 2007, 17(37), 219-230.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTANA, Fabiana Ribeiro; NAKATANI, Adélia Yaeko Kyosen; SOUZA, Adenícia Custódio Silva e; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas; ESPERIDIÃO, Elizabeth. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem: uma visão dialética.** Revista Eletrônica de Enfermagem. v. 07, n. 03, p. 294 - 300, 2005.

SARTORI, Jerônimo. **Educação bancária/ Educação problematizadora.** In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.134.

SOUSA, Bernadete Maria de; CRUZ, Carlos Alberto Gonçalves da; CARVALHO, Rose Marie Hoffmann; SILVA, Maria Nei da. **Descrição do processo de muda em Enyalius perditus Jackson (Reptilia, Sauria, Polychrotidae).** Revista brasileira de Zoologia. 17 (1): 225 - 228,2000.

TEIXEIRA, Isabela Adriana dos Santos. **Camuflagem e mimetismo como estratégias de sobrevivência.** UNIVAP, São José dos Campos. 2012.

THERRIEN, Sílvia M. N.; GUERREIRO, Maria das G. da S.; MOREIRA, Thereza M. M.; ALMEIDA, Maria I. de. **Projeto Político Pedagógico: concepção, construção e avaliação na enfermagem.** Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.3 São Paulo Sept. 2010.

UFRGS. **Grade Curricular Bacharelado em Enfermagem UFRGS.**

Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=315> [Acesso em: 12 de março de 2020].

UFRGS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/news/projeto-pedagogico-do-curso-de-bacharelado-em-enfermagem>> . [Acesso em julho de 2019].

ZITKOSKI, Jaime José. **Ser Mais.** In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.369.

ARTIGO ORIGINAL

O artigo incluído a seguir segue as normas exigidas pela Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde - Revise, publicada pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano-UFRB (ANEXO A), que receberá a submissão do artigo a seguir apresentado. O encaminhamento ocorrerá após a avaliação e, se aprovado, serão respeitadas as sugestões indicadas pela banca examinadora deste Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação-TCCG.

IMERSÃO DA TÉCNICA DE ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO ENFERMEIRA: do mimetismo à ecdise humana.

Imersion of a nursing technician in the academic formation like a nurse: of mimicry to the human ecdysis

Aline Graziela Szczesny Mancilha – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Email: alinemanci@gmail.com

Dilmar Xavier da Paixão – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Email: dilmarpaixao@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo objetiva refletir/problematizando a graduação em enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS sob a ótica da autora com formação e vivência prática de profissional em saúde, de nível médio, como técnica de enfermagem há quase duas décadas ininterruptas. Pondera a autoconstrução e a formação do profissional enfermeiro nesta universidade, balizada pelas diretrizes curriculares nacionais para os cursos universitários da área de saúde e possui plano pedagógico próprio; não político. Este trabalho acontece por meio do relato de experiência, método qualitativo e de caráter descritivo e analítico. Acompanha a transformação da discente, durante a graduação em enfermagem, no que denomina do estado mimético no curso à ecdise humana. Aponta a metamorfose de si, daquela que se mesclava aos outros colegas não possuidores da experiência prévia comparável à sua. Dessa forma, há a observação e narrativa do processo formativo vigente com o intuito de colaborar com a comunidade acadêmica em sua práxis e diálogo com profissionais em realidade formativa semelhante. As inúmeras atividades acadêmicas, a fragmentação conteudista do ensino, a educação bancária, a homogeneização do saber de seus educandos e o distanciamento da realidade sociopolítica dificulta a autonomia, o ato reflexivo e a criticidade de seus egressos. Habilidades que são exigidas pelos formandos egressos da graduação em enfermagem nas DCN. Assumir a postura rebelde dentro de um sistema vigente moveria as estruturas enrijecidas de ensino e obrigaria a reordenação dessas. A rebeldia é necessária, porém não deve ser ingênua.

Palavras-chave: Formação profissional. Educação superior. Enfermagem. Técnicos de Enfermagem.

ABSTRACT

This study aims to reflect/to problematize the nursing graduation at Nursing College of Federal University of Rio Grande do Sul over the author view with formation and practical living of health professionals, of high school level, like a nursing technician there was around continuous two decades. Considering the self-construction and the professional nursing formation in this university, marked out for the national curricular guidelines to the university health courses and that have their own pedagogic plan; without a political bias. This project is an experience report, with an analytic and descriptive qualitative method. Follow-up a student transformation during the nursing graduation, calling it like a mimetic state in the course for human ecdysis. Showing up a self metamorphosis, about a person who was mixing to the other colleagues that haven't had a previous experience like her. In this way, there is an observation and narrative of a current formation process with an objective to collaborate with an academic community in its praxis and dialogues with professionals in a similar formation. The several academic activities, the fragmented matters of teaching, the sitting education, knowledge homogenization of its students and the gap of a socio political reality that difficults the autonomy, the critical reflection and the questioning of its egresses. Skills that are necessary to the trainees egresses of nursing graduation in the national curricular guidelines. To adopt a rebel position inside a current system would shake rigid structures of teaching and it would obligate to rearrange it. The rebelliousness is necessary, however it can't be naive.

Keywords: Professional qualification. College education. Nursing. Nursing technicians.

1 O CICLO EVOLUTIVO DE MIM

Este estudo busca relatar/discutir e compreender/aprendendo sobre o aproveitamento da experiência acumulada na formação da graduanda em enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com vivência prática profissional comprovada e ininterrupta na categoria de técnica de enfermagem. Este relato de experiência acompanha o processo evolutivo pessoal desde à utilização do mimetismo à ecdise humana.

Trata-se de um relato de experiência construído a partir das vivências observadas e protagonizadas pela autora durante a realização do curso de graduação em enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Apresenta-se como um olhar qualitativo que versa sobre a problemática desenhada por meio de metodologia de natureza aplicada e descritiva. O relato de experiência pondera as práticas e o conjunto de condutas que interpelam situações verificadas pela graduanda¹.

Desde o início da atividade profissional percebi que as equipes de enfermagem são numerosas quantitativamente e que são parte importante da engrenagem do cuidado integral em saúde, em todos os níveis de atenção. As equipes de enfermagem são compostas de técnicos, de auxiliares de enfermagem e de enfermeiros. No Rio Grande do Sul, o número total de inscrições ativas, segundo o Conselho Federal de Enfermagem – COFEN², é de 11.545 auxiliares de enfermagem; 89.565 técnicos de enfermagem e 26.426 enfermeiros. Já o número desses trabalhadores, técnicos de enfermagem, ultrapassa o índice de um milhão no âmbito nacional.

É importante considerar, que muitos egressos no curso superior de enfermagem possuem bagagem de vivência profissional na categoria de ensino técnico em saúde e que enfrentem, assim, dificuldades perante as atividades acadêmicas que exigem um equilíbrio malabarista na continuidade da graduação e a sua permanência na universidade. Embora existam grandes lacunas sobre estudos referentes a essa realidade quase sub-humana, este trabalho nasce com muitas inquietações, contudo é oferecido para contribuir com a melhor formação qualitativa e com o processo de ensino-aprendizagem dos cursos de graduação em enfermagem mais evoluído.

¹ CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. J Nurs Health, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan/jul 2012.

² COFEN(BR). Enfermagem em Números. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. [Acesso em 27 de junho de 2019].

Durante uma parte significativa das aulas e, posteriormente, nos estágios, algumas disciplinas eram ecos das práticas cotidianas familiares ao meu ambiente de trabalho e essa realidade, todavia, nunca foi considerada no âmbito da universidade. Pelo contrário, via-me realizando mesmo nas disciplinas iniciais as mesmas práticas que eram do meu exercício diário, mimetizada entre os colegas que não as possuíam. Eis o mimetismo.

Acredito que a imersão de técnicos de enfermagem experientes nas aulas e estágios da formação universitária para se tornar enfermeiros podem ter outros formatos e potencialidades. O mimetismo consiste em uma simulação dos seres animais com o ambiente e é utilizado, por vezes, com ferramenta de camuflagem, descrevo-o como analogia aos técnicos de enfermagem cursantes do ensino superior em enfermagem³. Misturei-me aos demais e suprimi o meu saber, acreditando que meu “conhecimento era rasteiro” como o andar reptiliano.

Porém, com o decorrer das disciplinas e do curso, o ser mimético deu lugar a um ser interrogativo-reflexivo que, assim, substituiu a pele, fez a muda e se fez aparente pela ecdise humana. A ecdise é a troca do seu tegumento para o surgimento de uma nova cobertura, pois o envoltório anterior não comporta mais o ser que ali habitava⁴. Então nessa metamorfose de mim, permiti que uma nova forma surgisse.

A rebeldia e a indignação dominaram-me e, insistindo assim, mudei-me aparente. E, nesse processo, fui percebendo que a minha trajetória cumulativa de conhecimentos fora benéfica para a minha formação como enfermeira, agregando ganhos diferenciadores dos demais colegas que não o detinham.

O conhecimento é de todos, os espaços de modo idêntico. O lugar passivo de obtenção de conhecimento ocasiona uma plataforma confortável para os que não a questionam. É desnecessária a reflexão.

³ TEIXEIRA, Isabela Adriana dos Santos. Camuflagem e mimetismo como estratégias de sobrevivência. UNIVAP, São José dos Campos. 2012.

⁴ SOUSA, Bernadete Maria de; CRUZ, Carlos Alberto Gonçalves da; CARVALHO, Rose Marie Hoffmann; SILVA, Maria Nei da. Descrição do processo de muda em *Enyalius perditus* Jackson (Reptilia, Sauria, Polychrotidae). Revista brasileira de Zoologia. 17 (1): 225 - 228,2000.

A realidade acadêmica tem demonstrado que, continuamos reproduzindo moldes passados, forjados a partir da revolução industrial⁵. Freire nos comenta que a prática de educação bancária ensina para a domesticação submissa, torna a vontade pelo saber adormecida e a sua capacidade criativa anestesiada. Impede o ato reflexivo. Somente pela consciência crítica podemos mergulhar na profundidade da compreensão⁶. As características crítico-reflexivas são umas das premissas que devem acompanhar o perfil do formando egresso conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN do curso de graduação em enfermagem⁷.

As DCN fundamentam e guiam o ensino dos cursos de graduação em enfermagem e orientam como deve ocorrer a formação do enfermeiro, capacitados em sua autonomia e habilidades para atender às características exigidas nos cenários distintos existentes nas muitas regionalidades e disparidades do país⁸. Apesar de as DCN estar afixada na parede da escola de enfermagem da UFRGS, nem todos sequer a percebem, e, sente-se a necessidade da partilha desse saber, pois é uma lacuna importante a ser suprida.

A lacuna a ser respondida por este trabalho dialoga com o fenômeno do mimetismo à ecdise humana, que me provocou a um posicionamento reflexivo diante do espelho da minha formação como enfermeira, pode ajudar a colegas que sejam técnicas e técnicos de enfermagem ingressantes no curso de graduação. Como ação colaborativa podem emergir subsídios, outras questões dialógicas e problematizadoras em benefício do ensino universitário, da formação profissional de enfermeiro e enfermeira e da própria sociedade.

⁵ SILVA, Márcia C. Amaral; GASPARIN, João Luiz. A segunda revolução industrial e suas influências sobre a educação escolar brasileira. Navegando pela história da educação brasileira - 20 anos de Histedbr, Campinas: HISTEDBR, 2009.

⁶ KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência (Intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica). In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. P.86.

^{7,8} BRASIL, Resolução Conselho Nacional de Educação nº 3, de 7 de novembro de 2001. Dispõe sobre o conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 nov. 2001.

2 DO ESTADO MIMÉTICO À ECDISE HUMANA

A evolução humana deu-se cognitivo, social e fisicamente. Fomos com o passar de eras adquirindo capacidades e destituindo outras habilidades desnecessárias. Assim como o mimetismo, uma ferramenta adaptativa que fornece aos animais e plantas a possibilidade de camuflagem ao meio, pois dessa forma, tornam-se invisíveis a possíveis algozes⁹.

Porém, a mimetização dos seres tem um efeito dual, os seres humanos desde as idades primeiras realizam assim de modo semelhante à mimese como uma habilidade para aprendizagem cultural e social. A própria aprendizagem da linguagem pode ter origem na mimese. Enquanto é a forma de transmissão do saber coletivo, também nela, estão tecidas as hierarquias e ordenação social e os seres diluem-se no ambiente, tornando-se sem originalidade e dissociam-se de si mesmos¹⁰.

Ao estarem dissolvidos na sociedade, os indivíduos desconhecem a sua unicidade e particularidades, não conhecem mais os seus desejos e sim almejam o que lhe é dito ou anunciado agindo como camaleões da modernidade. Mas para que aconteça a mudança deste comportamento que reproduz indivíduos massificados em suas aspirações e em sua individualidade é necessária que a consciência se faça presente¹¹.

E não a consciência transitiva ingênua que consegue notar os paradoxos sociais, porém permanece na passividade. Essa consciência continua imóvel frente à realização da mudança devido a sua inabilidade do raciocínio emancipado e delega, por menosprezar a si mesma, a outrem a resolução das situações e adversidades¹¹.

Ela não consegue ser crítica, interpreta de forma simplista os problemas e é saudosista. Deixa-se conduzir à massificação e ao gregarismo com impedimentos ao diálogo racional. Mas o seu desenvolvimento a uma consciência crítica só acontece por meio do exercício da transformação da sociedade, da cultura, da educação crítica e democrática em que se permite a aptidão ao pensamento e decisão¹¹.

⁹ TEIXEIRA, Isabela Adriana dos Santos. Camuflagem e mimetismo como estratégias de sobrevivência. UNIVAP, São José dos Campos. 2012.

¹⁰ MATA, Larissa Costa. Mimetismo e metamorfose. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 103-121, ago. 2015.

¹¹ KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência (Intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica). In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. P.86.

O progresso da consciência transitiva ingênua à consciência crítica fornece ao indivíduo maior autonomia e dialogicidade. Parte do pensamento raso e unilateral para mergulhar na profundidade da compreensão. Conforme Fiori (1992, p.68), acontece simultaneamente a modificação do mundo e a transformação da consciência; elas não seriam possíveis como eventos sucessivos¹¹.

O processo de perceber-se como sujeito e como ser no mundo acontece gradativamente, a partir de práticas educativas libertadoras, que permitem a vazão do indivíduo em sua aptidão em agir e refletir em si, para si e conseqüentemente para o meio. E a conscientização em processo permite o fenômeno da ecdise humana¹¹.

Ecdise é o processo utilizado por alguns animais em que ocorre a muda, a troca de seu envoltório devido ao seu crescimento. E ocorre em vários estágios da sua vida. De forma semelhante, nós humanos a realizamos, mas a partir da expansão da consciência. Com a sua expansão não há mais espaço para o ser anterior que o habitava, nem do retorno ao ponto evolutivo inicial¹².

Somos seres mutantes e em frequente construção. O que nos permite ultrapassar o determinismo estipulado. A perspectiva da transcendência é o que nos diferencia das espécies animais que já nascem calcados em sua vida e com reações instintivas. E a ecdise humana acontece a cada um em diferentes momentos e a outros pode permanecer latente durante toda uma existência¹³.

Somente a realizamos quando nos percebemos como indivíduos com potencial para uma existência mais inteira, perseguindo a sua disposição para ser mais. A mim, a ecdise e a percepção da minha consciência aconteceram durante o decorrer da graduação em enfermagem. Fui com o passar dos semestres realizando a consciência de mim e de minha importância nas práticas e disciplinas por carregar conjuntamente com minha história a vivência no ambiente hospitalar com o cuidado humano e de enfermagem.

¹¹ KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência (Intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica). In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. P.86.

¹² SOUSA, Bernadete Maria de; CRUZ, Carlos Alberto Gonçalves da; CARVALHO, Rose Marie Hoffmann; SILVA, Maria Nei da. Descrição do processo de muda em *Enyalius perditus* Jackson (Reptilia, Sauria, Polychrotidae). Revista brasileira de Zoologia. 17 (1): 225 - 228,2000.

¹³ BOUFLEUER, José Pedro. Cognoscente (Ato). In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.75.

3 CADA UM CARREGA O DOM DE SER CAPAZ

O substantivo feminino “imersão”, no sentido como está dicionarizado, é o ato ou a consequência de submergir, a ação ou a decorrência do curso de imergir em um fluído. Estar imerso em algo nos faz vivenciar as situações como sendo partes de nós, pois, não ocorrendo a dissociação das partes, tem-se um todo^{14,15}.

Este ‘estado imerso’, como é concebido nos ensinamentos freirianos, define o primeiro nível de consciência. Devido ao fato de estar inserido totalmente pela realidade, pode-se não conseguir fazer reflexões mais profundas. Então, para a efetivação do ato reflexivo, é necessário, que se faça o afastamento da realidade, num movimento de emersão. Após essa ação de distanciamento, o indivíduo faz a inserção e a transforma por meio da sua prática¹⁶.

Aprendi, com a canção de Almir Sater, que “cada ser em si carrega o dom de ser capaz” e, com Freire, que cada indivíduo tem a vocação para ser mais. E esse talento em ser mais é imanente e vital da natureza humana, não deve ser definida por edificações ou concepções inatas, que causam a desumanização e enfraquecem a potencialidade de elevar-se em si¹⁷.

A incompletude do indivíduo é o que o leva em busca de algo mais, a procura por ser mais. A partir da obtenção do conhecimento, da aprendizagem e do ato de se fazer, ele transforma o panorama natural e reinventa as maneiras de existir e de se relacionar consigo e com outrem. O inacabamento do ser o leva em direção dos sonhos, das realizações e o leva a um constante processo de tornar-se. Os sonhos são permitidos a todos, embora ainda alguns não os tornaram acessíveis à consciência. O ato onírico é um ato político¹⁷.

¹⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª ed. Curitiba. Positivo, 2006

¹⁵ GUARESCHI, Pedrinho. Imersão/Emersão. In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.220.

¹⁶ OLIVEIRA, Paulo C. de; CARVALHO, Patrícia. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. Paidéia, 2007, 17(37), 219-230.

¹⁷ ZITKOSKI, Jaime José. Ser Mais. In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.369.

O tamanho de nossos sonhos equivale-se à dimensão de nosso conhecimento. Por isso, quanto maior sua habilidade em estar aberto ao saber, maior será a amplitude do seu mundo e a sua aptidão para mudar a sua realidade. A possibilidade de cursar ensino superior não me foi ensinada ou sequer cogitada. Meus pais não possuem o ensino fundamental completo e fomos crescendo com a lógica do trabalho

Somente por meio do ingresso de uma de minhas irmãs no ensino superior foi que essa palavra se tornou parte do nosso vocabulário. Embora a nossa realidade (assim como a de muitos) não permitia continuar estudando em tempo integral, tínhamos, ainda, a tarefa de realizar a independência financeira, principalmente para alívio da economia doméstica. Então, o ensino técnico profissionalizante foi a ferramenta para esse fim.

Os cursos profissionalizantes de nível técnico são recursos que contribuem com a evolução econômico-social do país, pois conferem alternativa para a inserção a curto prazo no mercado de trabalho em uma área que oferta consideráveis possibilidades. Importante destacar que as escolas profissionalizantes foram criadas em decorrência de uma demanda de mercado¹⁸.

Posteriormente ao processo de redemocratização do país e a definição de uma nova constituição, o ensino das escolas de enfermagem passou a ser regulamentado pelo Ministério da Educação e Saúde, que o dividiu em duas categorias: os auxiliares de enfermagem (posteriormente substituídos pelos técnicos) e enfermeiros. Essa divisão deu-se por meio da Lei n.º 775 de 1949, que estabeleceu as suas bases de ensino e aprendizagem¹⁹.

Com a expansão da classe assalariada nos anos de 1930 e 1940, surgiram reivindicações por condições sociais e uma melhor assistência em saúde. Dessa maneira, foi criado o sistema de previdência, destinado a assistir, de modo curativo, à população operária¹⁸.

Em consequência, para que houvesse uma solução que contemplasse o público demandante de atendimento e atendesse aos interesses capitalistas na área da saúde, um maior número de profissionais em enfermagem era necessário.

¹⁸ MANZATO, Carla Regina Ulian. A trajetória da educação profissional do auxiliar e técnico de enfermagem. Revista Uniara, v.15, n.2, dezembro de 2012.

¹⁹ MACIOROSKI, Cristine Goreti; JANISCH, Nádia Cristina; DELLANI, Marcos Paulo. Ensino aprendizagem no curso técnico em enfermagem: evolução e desafios diários. Revista de Educação Ideau. Vol. 10 - n 22 - jul/Dez 2015.

E assim, foram criados cursos com foco do cuidado direto, tais quais os cursos de auxiliares de enfermagem¹⁸.

Anteriormente, havia profissionais de nível médio ocupando cargos destinados a enfermeiras, em boa parte das vezes, pela falta dessas profissionais nas instituições de saúde. A crescente inserção de enfermeiras no mercado trouxe a intensificação da divisão do trabalho: funções executoras, destinadas aos técnicos e as gerenciais, para quem possuía graduação em ensino superior²⁰.

A estratificação social do trabalho aconteceu em decorrência do meio de produção capitalista em que há a cisão e desprendimento do trabalhador dos modos de manufatura dos seus produtos. Dessa forma, ocorreu um desmembramento de uma atividade em inúmeras execuções limitadas necessitando de diferentes trabalhadores especialistas em cada ofício. E assim, houve a necessidade de um coordenador de operações e a formação da primeira forma de subordinação no trabalho²¹.

Os gestores que adquirem o conhecimento tecnológico e científico e por isso são classificados como aptos e competentes, detém o poder de mando. Os indivíduos que acatam ordens e recebem a avaliação de incompetentes, assim o são definidos por realizarem as tarefas desconhecendo os motivos e objetivos da sua atuação. E essa filosofia da habilidade técnico-científica produziu a realidade existente nos processos de trabalho, na academia, em escolas, etc.²¹.

A alienação pelo afastamento dos colaboradores na totalidade dos processos de trabalho acontece também na enfermagem e colabora para a preservação das relações hierárquicas nas profissões da saúde, o que demonstra um duelo que, por vezes, pode estar oculto ou revelado. Isso enfraquece a classe como um todo, pois impede a coordenação de seus agentes para a luta em pautas coletivas²².

Desde os primórdios da sua criação, a enfermagem esteve intimamente ligada às ações religiosas, de caridade e tinha caráter assalariado.

¹⁸ MANZATO, Carla Regina Ulian. A trajetória da educação profissional do auxiliar e técnico de enfermagem. Revista Uniara, v.15, n.2, dezembro de 2012.

²⁰ MENEGAZ, Jouhanna do Carmo; KLOH, Daiana; MARTINI, Jussara Gue; REIBINITZ, Kenya Schmidt; BACKES, Vânia Marli Schubert; ZAMPROGNA, Katheri Maris. Formação de nível médio em enfermagem: perspectivas na visão de estudantes de pós-graduação. Rev Enfermagem UFSM 2015 jul/set.; 5(3): 396 - 405.

²¹ BUJDOSO, Yasmin Lilla Verônica; TRAPÉ, Carla Andrea; PEREIRA, Érica Gomes; SOARES, Cássia Baldini. A academia e a divisão social do trabalho na enfermagem no setor público: aprofundamento ou superação? Ciênc. saúde coletiva vol.12 no.5 Rio de Janeiro Sept. /Oct. 2007.

²² DUTRA, Herica Silva. Divisão Social do Trabalho e Enfermagem. Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(11):4161-3, nov., 2016.

A grande presença feminina em sua quase totalidade e a divisão do trabalho manual do intelectual também corroboram em algum nível à sua desvalorização econômica e social²². De que maneira podemos modificar esse panorama e reconstruir uma nova história a partir das vivências passadas?

Apesar de acompanhar avanços técnico científicos e realizar mudanças ao longo da sua jornada, a enfermagem ainda reproduz as idealizações da sociedade incutidas ao seu nome: de profissionais servis, com vocação nata, com postura submissa e com atitudes caridosas. Algumas situações ainda perduram, como as indiferenciações dos diferentes colaboradores dessa área tão ampla e que vem agregando mais profissionais à sua classe, como os cuidadores e, mais recentemente, os agentes comunitários de saúde²².

Isso tudo compõe um cenário desafiador e estimulante para ser estudado, servindo como fatores para a realização do aprofundamento em torno deste tema a ser reconhecido como relevante.

4 O ENSINO “SUPERIOR”

graduação pode oferecer aos seus ingressantes, que possuem motivações distintas, um novo horizonte e a possibilidade de fazer-se em si e no mundo²³.

Porém ao ingressar na universidade o profissional que possui experiência em saúde depara-se com uma realidade educacional voltada para o estudante que não possui obrigações laborais fora da universidade. Um currículo integral diurno que exige dedicação quase que exclusiva para a sua formação e que, embora possua ofertas extraclasse, não abraça os estudantes-trabalhadores da saúde. E as práticas disciplinares

As Diretrizes Curriculares Nacionais foram elaboradas por um processo conjunto, oriundo de debates, conferências e palestras por todo o país.

²² DUTRA, Herica Silva. Divisão Social do Trabalho e Enfermagem. Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(11):4161-3, nov., 2016.

²³ NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Desafios do Ensino Superior. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n° 17, jan./jun. 2007, p. 14-21.

Um dos seus objetivos é o de conceder às Instituições de Ensino Superior maior liberdade na confecção de seus currículos, que se ajustem às realidades sociais, conferindo à formação superior em enfermagem, o primeiro processo no seguimento da educação permanente²⁴.

A graduação em enfermagem, definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais homologadas em 2001, prevê o desenvolvimento de profissionais generalistas, formação humanista e crítico-reflexiva. Devem possuir a responsabilidade de assistir às exigências sociais em saúde e aos princípios do Sistema Único de Saúde, preparados para intercederem em situações de saúde e doença.

O profissional egresso do curso de enfermagem deverá possuir aptidões para perceber e interceder sobre as adversidades de saúde e doença no âmbito biopsicossocial, bem como, promover ações que incentivem o autocuidado em busca do bem-estar nas dimensões física e mental. Possuir, na complexidade de sua práxis, habilidades que aliem à ciência a arte do cuidar²⁵.

Embora as diretrizes tenham sido delineadas no século 21 e vislumbrem o ensino-aprendizagem de forma coparticipada e ativa, as relações e ações continuam cultivando atitudes que rememoram tempos antigos que incentivam à obediência, à submissão, aos jogos de poder e à produção de corpos domados²⁶.

O campo educacional atual possui desafios na formação dos profissionais, que se concentram na constituição de cidadãos capazes de colocarem em ação os ensinamentos aprendidos na sala de aula, que sejam capazes de se posicionarem no mundo e de entendê-lo em todas suas matizes, buscando soluções aos acontecimentos, de estarem aptos a fazer reflexões e a dar um novo significado ao conhecimento²⁷.

²⁴SANTANA, Fabiana Ribeiro; NAKATANI, Adélia Yaeko Kyosen; SOUZA, Adenícia Custódio Silva e; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas; ESPERIDIÃO, Elizabeth. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem: uma visão dialética. Revista Eletrônica de Enfermagem. v. 07, n. 03, p. 294 - 300, 2005.

²⁵NUNES, E. C. D. A. & et. Al. O processo cognitivo-afetivo. Revista Revise, vol. 2, p. 1-18. 2011.

²⁶FERTIG, Adriana; XAVIER, Ida Haunss de Freitas; SOUZA, Lucas Melo de. Perfil de uma escola de enfermagem do sul do Brasil no período das fundadoras. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2008, mar; 29 (1): 98-108.

²⁷TERRIEN, Silvia M. N.; GUERREIRO, Maria das G. da S.; MOREIRA, Thereza M. M.; ALMEIDA, Maria I. de. Projeto Político Pedagógico: concepção, construção e avaliação na enfermagem. Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.3 São Paulo Sept. 2010.

O ensino cidadanista, um dos propósitos de Paulo Freire, é concebido como a tomada da realidade para atuar em seu âmbito, envolvendo-se de forma consciente e favorável à emancipação dos sujeitos. Uma relação coparticipada e mútua é uma premissa essencial para o desempenho da cidadania²⁸.

Porém, como formar esses cidadãos reflexivos e diferenciados se os cursos ainda reproduzem em suas grades curriculares o conhecimento fragmentado e conteudista? Como admitir a exposição dos assuntos de forma passivo-expositiva, sem abertura para a interdisciplinaridade, com professores atuantes unicamente na docência e que estão distanciados da assistência e da realidade social em saúde e da realidade social de seus discentes²⁹.

O sociólogo Boaventura Sousa Santos³⁰ (2015) expõe que esse modelo científico moderno atuante, ao categorizar e igualar os saberes, desmerece as diversidades, as vivências e as culturas. O modelo vigente torna a aquisição do conhecimento insípida, inodora e incolor. Embora possua as características pertinentes à água, ele se distancia da sua principal característica: ser maleável e de se adequar às formas.

O novo padrão proposto por Boaventura Sousa Santos³⁰ (2015), contrapõe-se a essa estrutura rígida e verticalizada. Ele nos convoca para que sejamos rebeldes e conclama à desobediência. O conhecimento científico não deve ser regressista, ele deve libertar. Um docente alforriador edifica o seu ensinamento para a independência de seu discente, reconhecendo a sua identidade e seu acúmulo de vivências. Assim como Freire expõe (2000a, p.88):

Uma das questões centrais com que temos que lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente.

²⁸ BAQUERO, Rute. Educação de adultos. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.136.

²⁹ THERRIEN, Sílvia M. N.; GUERREIRO, Maria das G. da S.; MOREIRA, Thereza M. M.; ALMEIDA, Maria I. de. Projeto Político Pedagógico: concepção, construção e avaliação na enfermagem. Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.3 São Paulo Sept. 2010.

³⁰ BASTOS, Roberta Freire; GONÇALVES, Thalita Matias. Contribuições de Boaventura Sousa Santos para a educação brasileira. Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 21, n. 2, p. 26-38, jul./dez. 2015

Essa insurgência é afogada a partir da subordinação de seus aprendizes pela educação bancária, o que torna as ações educativas e a aquisição do conhecimento pouco cativantes. Este sujeito fica inerte e passivo, não adentra, não desbrava e não se arrisca. É ensinado a ser um sujeito conformado e acrítico, insensibilizado na sua capacidade de criação³¹.

Mas como adotar a postura rebelde, dentro do sistema vigente, em que os corpos são domados e confinados para um melhor controle disciplinar, como teorizado por Foucault? Adotar a postura revolucionária moveria as estruturas enrijecidas de ensino e obrigaria a reordenação dessas. A rebeldia é necessária embora, não deva ser ingênua³².

5 PROJETO POLÍTICO (A-POLÍTICO)

A minha experiência, pelas assertivas anteriores neste texto, é a de que, mesmo que existisse o termo “político” em seu título, ainda assim, o projeto pedagógico no curso da instituição onde me graduo não teria características visíveis de ser um projeto político pedagógico. Raras exceções docentes, o incluiriam em sua prática.

A definição de política tem origem grega no termo *politiké*, sendo “pólis” significando cidade e “tikos”, ao que é público. É o que se destina ao bem coletivo e à população. Já Freire nos diz que a nossa condição política habita no fato da inconclusão dos seres, pois por meio da consciência de sua incompletude arrisca-se no mais, difere-se do condicionado, entende a realidade, a reestrutura e humaniza-se³³.

³¹ SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/ Educação problematizadora. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.134.

³² FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. Herança moderna disciplinar e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”. Educação em Revista - Belo Horizonte, v.28, n.02, p.393-422, jun. 2012.

³³ COSTA, Daianny. Política. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 321.

Essa transformação só se dá a partir da educação, pois ela carrega em si uma natureza política. A educação deve ser voltada para a formação de atores com habilidade decisiva, comprometidos nos âmbitos da política e da sociedade e não voltada aos interesses autoritários e alienadores. Somos seres em constante interação com o mundo e com os demais e não, objetos inanimados recebedores da informação endurecida e pronta³³.

A sociabilidade dos indivíduos os faz aprender a partir do contato com o mundo e com os sujeitos para a promoção de vivências reais. Estarmos apáticos e enjaulados recebendo uma enxurrada de conhecimentos, que são válidos, porém tornam-se pouco palpáveis e irreais, fazem o querer saber pouco vibrante. A comunidade acadêmica acaba por distanciar os discentes da realidade que o cerca e de seu papel transformador da realidade social e política³³.

Os projetos políticos pedagógicos são instrumentos planejadores que devem ser utilizados para fomentar a autonomia na administração de seus cursos. A conquista dessa liberdade para se autogerir é erguida numa estrada de crença em si e em sua comunidade, porém a sua estrutura educativa corrente intrinca a gênese das circunstâncias necessárias para a sua verdadeira realização.

Ser autônomo é rejeitar as ações arbitrárias absolutas vigentes e promover a constituição de inovação no âmbito das relações coletivas. A autonomia antagoniza a estandardização e acredita nas diferenças, pois só com elas há a possibilidade da inovação. Ela caminha contígua às trocas com os demais e com a sociedade em parceria e não distanciada dessa³³.

O atual Projeto Pedagógico da Escola de Enfermagem da UFRGS teve a sua implantação iniciada no primeiro semestre em 2013. O projeto atendeu à deliberação CNE/CES Nº 3, de 07/11/2001³⁵ (BRASIL, 2001), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem em todo país.

³³ COSTA, Daianny. Política. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 321.

³⁵ BRASIL, Resolução Conselho Nacional de Educação nº 3, de 7 de novembro de 2001. Dispõe sobre o conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 nov. 2001.

Essas Diretrizes supracitadas reforçam que os projetos pedagógicos reformem e produzam formas para o aprendizado e para o ensino³⁷.

No desenho de ensino de enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devem ser consideradas as diversidades que permeiam o cuidado, onde os alunos têm de ser incitados a raciocinar a respeito desse conhecimento ofertado e que devem relacioná-lo com a realidade local e contextual do país³⁷.

Porém, no tocante às ideias de Boaventura, Freire e correlacionando ao projeto político pedagógico do curso de enfermagem, há ainda um caminho a ser percorrido para que o projeto pedagógico coloque em real prática o seu delineamento.

Enquanto há o desenrolar das disciplinas e incessantes afazeres acadêmicos, há fora das salas de aula, um acontecer do mundo sociopolítico, que não pode ser desconsiderado. Não há como segregar o conhecimento, ele é construído com a cadência dos acontecimentos e não em uma redoma que isola os ruídos externos. A turma de enfermagem que ingressou em agosto de 2015 presenciou fatos durante a sua formação que trouxeram um olhar para a realidade fora das estruturas da universidade.

Participamos da ocupação da Universidade devido à contrariedade com a PEC 55 do governo Temer; acompanhamos e sofremos os impactos da greve dos caminhoneiros; vivenciamos de perto a extinção do Instituto Municipal da Estratégia de Saúde da Família-IMESF; as consequências funestas de uma saúde mercantilizada e, por fim, no último semestre da graduação, defrontamo-nos com a paralisante pandemia mundial. Não há como estar indiferente aos acontecimentos que batem à porta da academia. Existem outros universos de saber que enriqueceriam humanamente os egressos do curso e futuros profissionais de enfermagem. Porém, o que dizer quando, ao primeiro impacto, ao invés do movimento, a Universidade opta por parar as suas atividades de ensino. Não haveria aprendizados?

³³BRASIL, Resolução Conselho Nacional de Educação n° 3, de 7 de novembro de 2001. Dispõe sobre o conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 nov. 2001

Acrescento interrogativamente: - como estar atento aos episódios exteriores quando há um currículo disciplinar exigente de atenção integral que acaba por cegar os seus discentes? Em 2018, ocorreu a avaliação do currículo do curso de enfermagem que fora implantado no ano de 2013, após a extinção do currículo anterior. O procedimento ocorreu em quatro níveis e abrangeu do ano de 2018 a 2019. As várias etapas correspondentes à avaliação aconteceram sequencialmente, seguindo-se dos formandos, discentes, profissionais egressos e, por último, os docentes.

Dentre as várias colocações e sugestões colhidas, pincelo aqui algumas: a possibilidade de fixar os turnos dos semestres, pois a intercalação desses dificulta para os estudantes trabalhadores; a redução da carga horária de algumas disciplinas que são extenuantes; o redirecionamento de disciplinas para foco na enfermagem; a substituição de disciplinas consideradas desnecessárias por outras que contemplem assuntos mais vivenciados na vida profissional; não apenas voltar o ensino para a formação de pesquisadores mas, também, voltados ao mercado de trabalho; estar mais próximos da realidade profissional desde o início do curso; além de serem conhecidas outras realidades hospitalares que não apenas a vivenciada no hospital conveniado à universidade.

Agrego às sugestões supracitadas, a necessidade de diferenciar o ingresso no curso de alunos já detentores de conhecimento prévio, pois poderiam fazer reaproveitamento de disciplinas e utilizar o tempo que estariam cursando as disciplinas ecoantes da sua prática em outras atividades de aprendizado. Uma dessas ações a serem exemplificadas é o caso de serem monitores auxiliares dos professores que, por vezes, estão distantes da atividade profissional ou que possam participar de projetos dentro da universidade, como as atividades de iniciação científica ou em outras experiências que os façam sentir valorizados no seu saber e estimulados em aprender. O que lamento e analiso como desperdício é a situação do aluno que, ao ingressar na universidade, tem formação profissional na enfermagem e se depara com uma realidade educacional voltada para o estudante que não possui vínculo de trabalho na área e sem experiência e obrigações laborais fora da universidade. Um currículo integral diurno que exige dedicação quase exclusiva para a sua formação e que, embora possua ofertas extraclasse, não abraça os interesses e peculiaridades dos estudantes que são trabalhadores da enfermagem e da saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul demonstra a qualidade do seu ensino, embora, ainda possua desafios a serem enfrentados e que seja vital a sua atualização pedagógica. Faz-se necessária a real implementação, no projeto pedagógico, do diálogo com-e-para os seus educandos e com-e-para a comunidade, e inserir a política como mecanismo social na nominação e na prática formativa dos profissionais. Cumprir assim, a formação realista e em consonância com as transformações sociopolíticas presentes a todo instante em nosso coletivo.

O domínio da educação é múltiplo e o ato educativo, vai acontecendo; não é! Como prática, permanece em movimento, nunca estática, nunca concluída. Para realizar a formação são necessárias pessoas e, essas, são inacabadas em essência. Inconclusas, carregam em si experiências e saberes que não podem ser ignorados ou suprimidos em instante algum. Portanto, homogeneizá-las é desconsiderar as nuances múltiplas de egressos que são provenientes de diferentes realidades. Uniformizar o saber, torna a sua aquisição apática e anestesiada.

O saber engrandece. Ele modifica. Ele altera. Transmuta os seres e modifica o seu entorno. Acontece primeiramente, no interno pessoal e extravasa, cresce e expande alterando realidades. Desse o modo, eu o fiz, porque transformei o ser mimético e mim para dar espaço a uma educanda crítica e reflexiva. Assim, realizei a ecdise, que assumi constante desde então. Se não o fosse, seria, apenas, o conhecer envaidecido que restringe o saber a uma pequena parcela de ditos experts (de expertise), ou seja, inútil. O prazer das descobertas vem desde o primeiro despertar da vida, não pode ser suprimido pela educação dominadora e bancarizada.

A anedonia pelo conhecimento é tecida no modelo de educar que não pretende produzir indivíduos emancipados e críticos. Ela somente reproduz padrões construídos em tempos passados e que resistem em permanecer presos na teia educacional desde a escola primária até a academia. Sim, a academia, que não se diferencia tanto assim das práticas escolares. Promove uma torrente de tarefas universitárias, exaure os seus educandos em extenuantes aulas passivo-expositivas, promove uma corrida por primeiros lugares em uma classificação que é utilizada para escolhas de campos e disciplinas e assim, os afoga em realidades distantes. Esses fatos - e outros - apareceram

relatados na avaliação do currículo realizada em 2018 pela Comissão de Graduação do Curso de Enfermagem com o apoio do Núcleo Docente Estruturante.

E como ser crítico se as obrigações acadêmicas nos engolem sem a chance de deixar-nos respirar? As Diretrizes Curriculares Nacionais, que estão expostas na subida da rampa que dá acesso ao segundo piso do educandário acadêmico, são para orientar que sejam gestados profissionais com múltiplas habilidades. Uma dessas é considerar os saberes múltiplos, porém como fazê-lo, se as experiências na bagagem de seus discentes, por vezes, não são computadas no somatório do conhecimento?

O desconhecimento de legislação e resoluções que considerem o saber prévio de profissionais em saúde para aproveitamento em disciplinas e nas práticas, principalmente como técnicos de enfermagem, dificultam e, geralmente, desestimulam o permanecer na academia ou a reação não conformada. Se essa probabilidade é existente, não me foi possível encontrá-la no âmbito do curso, mesmo com os integrantes da Comissão de Graduação. Esta é uma lacuna importante a ser estudada, pois seria de extrema validade, uma forma de diferenciar os ingressantes que detém experiência comprovada na prática do cuidado assistencial previamente.

A presença de profissionais com de prática e vivência no âmbito hospitalar ou na atenção básica contribuiria para a aproximação da academia com a realidade profissional e de mercado de trabalho. Estimularia outros ingressos. O viés de estar mais voltada à pesquisa e de que alguns de seus docentes estão distantes da assistência ou nunca tiveram qualquer prática efetiva na profissão é problema nem sempre considerado na ambiência formadora de profissionais da enfermagem.

Neste trabalho, sugiro que essa busca continue para que próximos estudantes, que assim como eu são técnicos de enfermagem, e com experiência comprovada, possam aproveitar melhor a sua graduação, qualificando-se ainda mais, e serem contribuintes da própria produção do conhecimento para os seus colegas e docentes. Contribuir: esse é o papel do saber.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Rute. Educação de adultos. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.136.

BASTOS, Roberta Freire; GONÇALVEZ, Thalita Matias. Contribuições de Boaventura Sousa Santos para a educação brasileira. Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 21, n. 2, p. 26-38, jul./dez. 2015.

BRASIL, Resolução Conselho Nacional de Educação nº 3, de 7 de novembro de 2001. Dispõe sobre o conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 nov. 2001.

BOUFLEUER, José Pedro. Cognoscente (Ato). In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.75.

BUJDOSO, Yasmin Lilla Verônica; TRAPÉ, Carla Andrea; PEREIRA, Érica Gomes; SOARES, Cássia Baldini. A academia e a divisão social do trabalho na enfermagem no setor público: aprofundamento ou superação? Ciênc. saúde coletiva vol.12 no.5 Rio de Janeiro Sept. /Oct. 2007.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. J Nurs Health, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan/jul 2012.

COFEN(BR). Enfermagem em Números. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. [Acesso em 27 de junho de 2019].

COSTA, Daianny. Política. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 321.

DUTRA, Herica Silva. Divisão Social do Trabalho e Enfermagem. Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(11):4161-3, nov., 2016.

FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. Herança moderna disciplinar e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”. Educação em Revista - Belo Horizonte, v.28, n.02, p.393-422, jun. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª ed. Curitiba. Positivo, 2006.

FERTIG, Adriana; XAVIER, Ida Haunss de Freitas; SOUZA, Lucas Melo de. Perfil de uma escola de enfermagem do sul do Brasil no período das fundadoras. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2008, mar; 29 (1): 98-108.

GUARESCHI, Pedrinho. Imersão/Emersão. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.220.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência (Intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica). In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. P.86.

MANZATO, Carla Regina Ulian. A trajetória da educação profissional do auxiliar e técnico de enfermagem. Revista Uniara, v.15, n.2, dezembro de 2012.

MACIOROSKI, Cristine Goreti; JANISCH, Nádia Cristina; DELLANI, Marcos Paulo. Ensino aprendizagem no curso técnico em enfermagem: evolução e desafios diários. Revista de Educação Ideau. Vol. 10 - n 22 - jul/Dez 2015.

MATA, Larissa Costa. Mimetismo e metamorfose. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 103-121, ago. 2015.

MENEGAZ, Jouhanna do Carmo; KLOH, Daiana; MARTINI, Jussara Gue; REIBINITZ, Kenya Schmidt; BACKES, Vânia Marli Schubert; ZAMPROGNA, Katheri Maris. Formação de nível médio em enfermagem: perspectivas na visão de estudantes de pós-graduação. Rev Enfermagem UFSM 2015 jul/set.; 5(3): 396 - 405.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Desafios do Ensino Superior. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 14-21.

NUNES, E. C. D. A. & et. Al. O processo cognitivo-afetivo. Revista Revise, vol. 2, p. 1-18. 2011.

OLIVEIRA, Paulo C. de; CARVALHO, Patrícia. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. Paidéia, 2007, 17(37), 219-230.

SANTANA, Fabiana Ribeiro; NAKATANI, Adélia Yaeko Kyosen; SOUZA, Adenícia Custódio Silva e; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas; ESPERIDIÃO, Elizabeth. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem: uma visão dialética. Revista Eletrônica de Enfermagem. v. 07, n. 03, p. 294 - 300, 2005.

SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/ Educação problematizadora. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.134.

SILVA, Márcia C. Amaral; GASPARIN, João Luiz. A segunda revolução industrial e suas influências sobre a educação escolar brasileira. Navegando pela história da educação brasileira - 20 anos de Histedbr, Campinas: HISTEDBR, 2009.

SOUZA, Bernadete Maria de; CRUZ, Carlos Alberto Gonçalves da; CARVALHO, Rose Marie Hoffmann; SILVA, Maria Nei da. Descrição do processo de muda em *Enyalius perditus* Jackson (Reptilia, Sauria, Polychrotidae). Revista brasileira de Zoologia. 17 (1): 225 - 228,2000.

TEIXEIRA, Isabela Adriana dos Santos. Camuflagem e mimetismo como estratégias de sobrevivência. UNIVAP, São José dos Campos. 2012.

TERRIEN, Silvia M. N.; GUERREIRO, Maria das G. da S.; MOREIRA, Thereza M. M.; ALMEIDA, Maria I. de. Projeto Político Pedagógico: concepção, construção e avaliação na enfermagem. Rev. esc. enferm. USP vol.44 no.3 São Paulo Sept. 2010.

ZITKOSKI, Jaime José. Ser Mais. In; STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides;
ZITKOSKI, Jaime José (Org.). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.369.

9 ANEXO 1 - Normas editoriais da revista escolhida (Revista da UFRB)

Diretrizes para Autores

MODO DE APRESENTAÇÃO

- No corpo do texto não deve existir qualquer tipo de referência que possibilite a identificação da autoria.
- Os artigos devem indicar, na primeira nota de rodapé, se a pesquisa recebeu financiamento, devendo este ser especificado.
- Em arquivo separado, devem ser enviados os dados de identificação do autor (e co-autor): nome, vinculação institucional, endereço de e-mail, telefones para contato, endereço profissional e/ou residencial. Além de uma breve biografia de até cinco linhas.
- Todos os textos apresentados devem ser digitados em Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, margens 2,0 cm e salvos no formato •DOC (versão Word).
- Os artigos devem ser acompanhados de título, resumo e de três a cinco palavras-chave em português e inglês.
- Imagens: As imagens utilizadas nos textos, em preto e branco ou em cores, devem ser acompanhadas de legendas e créditos completos. Os arquivos devem ser enviados em formato JPEG, com resolução mínima de 100 dpi.
- Tabelas e Gráficos: deverão ser acompanhados de legendas e créditos completos.
- Direitos autorais: o autor está ciente de que são automaticamente cedidos à revista os direitos autorais sobre os originais e traduções nela publicados. Os dados e conceitos abordados nos artigos e resenhas são da exclusiva responsabilidade do autor.

IDIOMAS

Português, Espanhol e Inglês.

REFERÊNCIAS

Usa-se o sistema autor-data (SILVA, 2016) no corpo do texto. Elas deverão ser completas de acordo com as mesmas normas das referências bibliográficas. Admitem-se as referências Id., Ibidem e Op.cit, segundo as normas em utilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro (um autor):

SOBRENOME, Nome do Autor. Título do Livro em itálico: subtítulo (s/itálico). Local de Publicação: Editora, ano.

Livro (dois autores):

SOBRENOME, Nome do Autor; SOBRENOME, Nome do autor. Título do Livro em itálico: subtítulo (s/itálico). Local de Publicação: Editora, ano.

Livro (três ou mais autores):

SOBRENOME, Nome do Primeiro Autor, et. al. Título do Livro em

itálico: subtítulo (s/itálico). Local de Publicação: Editora, ano.

Artigo de revista:

SOBRENOME, Nome do Autor. Título do Artigo. Título do Periódico em itálico, Número do Volume, Data do Volume, (intervalo de páginas).

OBS: As mesmas regras para a autoria coletiva, adotadas para os livros, deverão ser utilizadas na citação de artigos de revistas e coletâneas.

Artigo de coletâneas:

SOBRENOME, Nome do Autor. Título do Trabalho. SOBRENOME, Nome do Organizador (org). Título da Coletânea em itálico. Local de Publicação: Editora, Data. (intervalo de páginas).

Dissertações e teses

SOBRENOME, Nome do Autor. Título da tese ou dissertação. Tese ou Dissertação (Doutorado em ... ou Dissertação em ...). Universidade, local, ano.

Trabalhos apresentados em congressos:

SOBRENOME, Nome do Autor. Título do trabalho. Nome do congresso, local, data, intervalo de páginas.

Artigos em formato eletrônico:

As citações devem seguir as normas apontadas anteriormente, sendo acrescidas da seguinte informação após o ponto final: Disponível em:

Acesso em: __/__/_____.

CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO

Todos os trabalhos serão submetidos a dois pareceristas ad hoc, sendo um terceiro avaliador acionado em caso de pareceres discordantes, adotando-se, sempre, a política do duplo cego. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos respectivos trabalhos, podendo a aceitação estar sujeita a modificações, conforme a indicação dos avaliadores. O artigo submetido à revista deve ser inédito e original e não deve estar sendo considerado por outra publicação.

DIREITOS DO AUTOR

São automaticamente cedidos à Revista os direitos autorais sobre originais e traduções nela publicados. Os dados e conceitos abordados são da exclusiva responsabilidade do autor.

CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores, pelo editor, antes mesmo de serem enviadas aos avaliadores.

Itens de Verificação das Condições para a Submissão

Verificar a conformidade da submissão em relação às [Diretrizes para Autores](#). A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em “Comentários ao editor”.

O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word. O trabalho se refere às temáticas da REVISE.

O trabalho está dentro das normas da revista, tais como ABNT ou APA, ao uso do sistema autor-data no corpo do texto.

O texto foi digitado em Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, margens 2,0 cm; Emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL).

As figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.

Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em Assegurando a avaliação pelos pares cega foram seguidas.

DETALHES DA REVISTA REVISE

Revista Integrativa de Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde é uma nova edição da Revista Integrativa em Saúde e Educação (REVISE). O processo de realização é do Grupo de Pesquisa Saúde, Educação e Desenvolvimento (SAED) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), coordenado pelo prof. dr. Júlio César dos Santos. Suas publicações são para um público aberto, de caráter interdisciplinar. A publicação proporciona discussões sobre as inovações tecnológicas no campo da saúde, destaca-se pela diversidade de temas e áreas de pesquisa, divulga artigos que reflitam o amplo espectro das preocupações atuais dos pesquisadores e os debates mais significativos nas áreas de fronteira entre as ciências humanas e biológicas.